

## MORTE E TELEJORNALISMO: as diferentes temporalidades na cobertura da morte de Domingos Montagner

DEATH AND TELEJORNALISM: the different temporalities in covering the death of Domingos Montagner by Jornal Nacional

MUERTE Y TELEJORNALISMO: las diferentes temporalidades en el encubrimiento de la muerte de Domingos Montagner por Jornal Nacional

### Michele Negri

Jornalista; mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do RS. Realizou estágio pós-doutoral no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA. [mmnegri@yahoo.com.br](mailto:mmnegri@yahoo.com.br)

 0000-0003-2999-0186

### Silvana Copetti Dalmaso

Jornalista; mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria; doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [silvana.dalmaso@gmail.com](mailto:silvana.dalmaso@gmail.com)

 0000-0001-5097-0660

Correspondência: Universidade Federal de Pelotas; Centro de Letras e Comunicação; rua Gomes Carneiro, nº1 – CEP: 96010-610 – Pelotas/RS – Brasil Bloco B, andar térreo.

Recebido em: 01/04/2024

Aceito em: 01/09/2024

Publicado em: 30/11/2024

### RESUMO:

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as diferentes temporalidades que podem coexistir nas rotinas do Jornal Nacional a partir da cobertura de um caso específico que será analisado: a morte do ator Domingos Montagner. Em nível teórico-metodológico, vamos acionar alguns olhares dos Estudos Culturais, convocando as perspectivas do gênero televisivo como categoria cultural (Mittell, 2001) e de estrutura de sentimento (Williams, 1979) para dar sustentação às reflexões. A pesquisa tem caráter exploratório e observacional (Gil, 2008).

**PALAVRAS-CHAVE:** Telejornalismo; Jornal Nacional; Temporalidades; Gênero Televisivo como categoria cultural; Estrutura de sentimento.

## Introdução

No dia 15 de setembro de 2016, Domingos Montagner, de 54 anos, faleceu na região de Canindé do São Francisco, em Sergipe. O ator estava no ar na novela Velho Chico, da Rede Globo, interpretando um personagem de nome “Santo”.

Reportagem do Portal G1<sup>1</sup> relata que, no dia da morte, o ator gravou algumas cenas de Velho Chico pela manhã. E que depois das gravações, à tarde, foi tomar banho no Rio São Francisco, onde acabou se afogando. A atriz Camila Pitanga, par romântico do ator na novela, estava junto com Domingos no momento de lazer, tentou ajudá-lo, mas não teve êxito. Ainda de acordo com a reportagem do G1, o corpo foi localizado preso em pedras, a uma profundidade de 18 metros, nas proximidades da Usina Xingó.

Antes da confirmação do afogamento do ator, o desaparecimento foi noticiado durante a programação da Rede Globo, em sites de notícias e em redes sociais. Com a ratificação do ocorrido, os mais diversos veículos de comunicação deram amplo espaço

---

<sup>1</sup> Matéria disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2016/09/domingos-montagner-morre-aos-54-anos.html>

ao falecimento do ator da Rede Globo; TVs concorrentes, inclusive, noticiaram a morte do artista. E o Jornal Nacional, carro chefe do telejornalismo da emissora, fez uma grande cobertura<sup>2</sup> ao acontecimento. A cobertura do JN foi ampla e contemplou diversos pontos marcantes da vida pessoal e artística de Domingos Montagner; trouxe depoimentos de pessoas amigas do falecido; abordou, também, a morte do ator, trazendo explicações para o acontecimento. A cobertura contou com diversos recursos tecnológicos e acionou perspectivas que demonstram que a constituição de um telejornal e os discursos que ele gera estão conectados ao momento social, tecnológico e cultural. Ou seja, a forma como foram construídas as edições que abordaram a morte de Montagner tem bases na sociedade e no momento sociocultural em que o fato se deu; a conformação do telejornal é um processo vinculado aos movimentos da cultura. Importante destacar que a tessitura telejornalística está relacionada aos movimentos da cultura; ao mesmo tempo em que ocorrem transformações em âmbito cultural, também se modificam as formas das notícias e reportagens serem levadas ao ar.

Em uma primeira observação exploratória, foi possível notar que as edições do JN que abordaram a morte de Domingos Montagner mostraram elementos de diferentes tempos e momentos sócio histórico culturais. A produção telejornalística relacionada ao episódio foi composta por elementos hegemônicos – consagrados e dominantes no fazer jornalístico de televisão –, residuais – elementos do passado que permanecem vivos no presente –, e emergentes, que são as novas práticas, conectadas às tendências da contemporaneidade. Estas categorias, advindas do pensamento de Raymond Williams, moldam os sentidos dos produtos telejornalísticos e produzem efeitos no público espectador.

O foco deste artigo é apontar e refletir sobre essas diferentes temporalidades que se fizeram presentes nas rotinas do Jornal Nacional, na cobertura da morte do ator Domingos Montagner. Para isso, serão observadas as edições do Jornal Nacional veiculadas nos dias 15, 16 e 17 de setembro de 2016. As bases analíticas contarão com os olhares dos Estudos Culturais, a estrutura de sentimento (Williams, 1979) e o gênero televisivo como categoria cultural (Mittell, 2001).

### **Perspectivas teórico-metodológicas: Gênero televisivo como categoria cultural e estrutura de sentimento**

---

<sup>2</sup> Para Emerim e Brasil (2011, p. 4; grifo dos autores), “**uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas ou, pelo menos, as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística**”.

Para desenvolver este estudo, vamos considerar o gênero televisivo uma categoria cultural, o que pressupõe considerar que o telejornalismo está inserido em um contexto histórico, social e político, transformando-se junto com a sociedade, movimentando-se conforme a cultura que o cerca. Esta concepção associa-se à estrutura de sentimento como perspectiva teórico-metodológica.

Em relação ao gênero, cabe salientar que Mittell (2001) aponta que o gênero sofre mudanças no decorrer do processo histórico. O autor ainda acrescenta que em alguns momentos pode se mostrar estável, mas em outros opera de forma distinta conforme o contexto cultural ou histórico. Negrini (2019, p. 234) apresenta ponderações de Gomes (2007) sobre o gênero:

No tocante à discussão sobre gênero, Gomes (2007) pondera que reconhece, juntamente com Raymond Williams, a existência de afinidades, em nível social e histórico, entre algumas formas culturais e as sociedades e os momentos históricos em que estas formas culturais têm efetivação. Em suas aferições, Gomes assinala que reconhece que o gênero se mostra como uma forma de situar a audiência televisiva no tocante a determinado programa, aos assuntos que são nele abordados e à forma como o programa destina os conteúdos ao público. O gênero dá respaldo para que ocorra a compreensão das regularidades e das especificidades que se mostram em produtos configurados historicamente.

Do pensamento de Gomes (2007) vale destacar o reconhecimento da existência de afinidades entre formas culturais, os momentos históricos e as sociedades em que essas formas culturais são concretizadas. Tal ponto de vista embasa nossas reflexões e observações sobre as transformações das construções textuais do Jornal Nacional. A partir de Gomes (2007), temos respaldo para aferir que a constituição de um telejornal é completamente ligada ao momento em que ele tem a tessitura conformada.

Gomes (2011a) aponta que Jesus Martín-Barbero é um nome fundamental quando se trata de gênero, pois ele se propõe a “[...] pensar modelos comunicativos que abarquem a totalidade do processo, por sua concepção de gênero como estratégia de comunicabilidade e por considerar o caráter contingente e transitório do gênero e as distintas temporalidades que ele convoca” (Gomes, 2011a, p. 113). No âmbito das discussões sobre o assunto, é válido destacar que Gomes aponta que Martín-Barbero visualiza o gênero como uma categoria cultural que sinaliza as relações entre comunicação, cultura, política e sociedade. Estas pistas ou sinais apontam para a concepção de que o gênero é atravessado por movimentos sincrônicos e diacrônicos da comunicação e da cultura.

Mittell (2001), na obra *A Cultural Approach to Television Genre Theory*, destaca que os gêneros operam na relação com a indústria, a audiência e as práticas culturais. Assim, a delimitação do gênero de um programa também é imbricada pelos discursos da produção e da recepção. Como diz Mittell (2001), para a análise de um texto midiático, é preciso que levemos em consideração todo o processo cultural que o envolve. A partir dessas aferições, é relevante pensarmos que a constituição de um telejornal é perpassada por diversos pontos, como questões relativas à instituição jornalística que o veicula, ao contexto das esferas da produção e da recepção, além de dinâmicas culturais e do contexto social.

Falando em programas telejornalísticos, Gomes (2007) os considera como uma variação específica na grade de uma televisão e diz que eles compõem um gênero, que são os programas jornalísticos televisivos. Essa categoria é abarcada por normas tanto do campo jornalístico, como do meio televisivo. Ainda de acordo com a autora, telejornais, programas de entrevistas e documentários são variações do gênero e podem ser caracterizados como subgêneros.

Os gêneros, para Gomes e Araújo (2015, p. 11), são da ordem da virtualidade, no sentido de que não há uma pureza de características de um gênero nos programas e produtos: “Ressaltamos que gênero televisivo é algo da ordem da virtualidade (Duarte, 2004, p. 67), ou seja, não podemos encontrar por aí um programa que seja um exemplar cabal e completo de um gênero”. As autoras ainda afirmam que um produto televisivo, analisado a partir do conceito de gênero, é um dispositivo que faz conexões, historicamente, entre matrizes da cultura, formatos da indústria do audiovisual e lógicas do sistema produtivo.

Negrini (2019, p. 235) faz apontamentos sobre o telejornal como um subgênero televisivo:

Entendemos, pois, o telejornal como um subgênero televisivo e jornalístico que trabalha com os valores jornalísticos e com as lógicas e formatos televisivos de maneiras diferenciadas. O jornalismo, enquanto campo social, a construção telejornalística e a produção televisiva são complexos e dependem de elementos culturais e mediações subjetivas. No entanto, a produção jornalística se respalda por convenções e valores, que possuem sentidos sociais, configurados pela prática e pela formação jornalística.

Os aspectos que circundam o gênero televisivo (Gomes, 2007) nos orientam no momento de observar a apresentação da morte no espaço do telejornalismo, levando em conta que as construções discursivas são permeadas por diversos fatores para chegar a sua configuração. “Portanto, esses discursos tanto são atravessados por estruturas

reconhecidas, convencionadas e transformadas, quanto perpassam os modos como vivemos essas estruturas” (Negrini, 2019, pp. 235-236). A partir disso, trazemos a hipótese da estrutura de sentimento. Mota Júnior (2016, p. 65) faz apontamentos sobre esse assunto: “Com a hipótese cultural da estrutura de sentimento, Raymond Williams permite vermos elementos culturais que coexistem no interior de um determinado momento histórico para entender suas diversas temporalidades”. Gomes e Antunes (2019, p. 8) fazem aferições sobre estrutura de sentimento e suas relações com a demarcações de distintas temporalidades:

Partimos do reconhecimento de que tal noção permite levar em consideração distintas temporalidades que marcam todo processo social e oferece elementos para pensar metodologicamente o trabalho com textos/textualidades e formas da comunicação, em articulação com a dimensão política que deve marcar essa iniciativa.

O conceito de estrutura de sentimento, idealizado por Raymond Williams, é importante para este estudo porque auxilia nosso olhar sobre o produto telejornalístico na medida em que o consideramos como um elemento cultural que faz parte de um contexto social e histórico. Gomes (2011b, p. 30) pondera:

Acreditamos que a expressão estrutura de sentimento nasce de um duplo esforço, que tensiona toda a obra de Williams. De um lado, temos o esforço teórico-metodológico de rejeitar o determinismo marxista e empreender uma análise cultural que seja a análise da relação entre os elementos de um modo inteiro de vida; de outro, temos o esforço político de enfrentar o capitalismo [...] A articulação entre a mudança social e a mudança cultural é o desafio central que Williams quer enfrentar com a formulação da noção de estrutura de sentimento.

O termo “estrutura de sentimento” é apontado por Williams (1979) como uma experiência social que está em processo. O autor identifica estrutura de sentimento como uma hipótese cultural “[...] derivada na prática de tentativas de compreender esses elementos e suas ligações, numa geração ou período, e que deve sempre retornar, interativamente, a essa evidência” (1979, p. 135).

Os modos de Williams ver uma análise cultural, segundo Gomes (2011b), estão relacionados às concepções que ele tem sobre cultura. Desta forma, a perspectiva da estrutura de sentimento é articulada como um recurso utilizado por Williams para a compreensão dos modos de vida, sempre observando as relações sociais. Negrini (2019, p. 236) destaca pensamentos de Gomes (2011b) sobre estrutura de sentimento:

A autora salienta que na obra *Marxismo e Literatura*, a estrutura de sentimento é apresentada como uma hipótese cultural que permite a realização de reflexões sobre os diferentes elementos que compõem um modo de vida. Neste caso, estão interligadas as noções de dominante, residual e emergente.

Gomes (2011b, p. 43) ressalta: “Dominante, residual e emergente são três categorias que Raymond Williams utiliza para descrever elementos de diferentes temporalidades e origens que configuram qualquer processo cultural”. A partir do pensamento de Raymond Williams, Mariano (2017, p. 8) traz apontamento sobre essas três noções ligadas ao processo histórico: “[...] por dominante, conforme tentamos mostrar, podem ser entendidos aqueles elementos que gozam da força da hegemonia para se localizarem social e historicamente como tais”. Sobre o residual, Mariano (2017, p. 8) explica: “[...] por residual, o autor está se referindo aos elementos do passado, mas que permanecem continuamente vivos nas práticas humanas – e que devem ser diferidos de elementos arcaicos”. E o emergente é assim caracterizado por Mariano (2017, p. 8): “Por emergente, Williams considera novas práticas, significados e valores que são continuamente criados – fato que garante, entre outras coisas, a perspectiva de história como processo”.

Para pensarmos sobre as complexidades dos movimentos da cultura e suas relações com as dinâmicas sociais e culturais, inclusive as dinâmicas e os movimentos na seara do telejornalismo, podemos tomar o dominante, residual e emergente como categorias analíticas. Tais categorias dão suporte para observarmos as distintas temporalidades que coabitam o telejornalismo e que estão envoltas nas transformações do subgênero telejornal.

### **Perspectivas analíticas. Contextualização do caso**

Para a observação das temporalidades que perpassam as rotinas do Jornal Nacional na cobertura da morte de Domingos Montagner, selecionamos as edições do telejornal dos dias 15, 16 e 17 de agosto de 2016. A edição do dia 15 foi analisada por ter ido ao ar no dia do falecimento do ator. E optamos por explorar as edições dos dias 16 e 17 por ainda apresentarem ampla abordagem sobre o caso.

O olhar teórico deste estudo tem como base os Estudos Culturais. Desta forma, estamos levando em consideração a perspectiva levantada por Gomes (2007) sobre o telejornalismo ser constituído por dimensões técnicas, sociais e culturais. Adotamos o pensamento de Gutmann (2014), de que os gêneros funcionam em torno de um cenário de disputas, tendo continuidades e rupturas, e estamos de acordo com Silva (2010), segundo o qual os gêneros são formas culturais que estão sujeitas a alterações com

bases histórico-culturais. Neste sentido, contribui para nossa reflexão a ideia de Mittell (2001), embasado em Foucault, de que os gêneros são permeados por relações de poder.

A partir do olhar sobre a constituição de gênero que estamos acionando neste trabalho, vale salientar que Domingos Montagner era um ator contratado pela Rede Globo e que era um nome de destaque na novela *Velho Chico*, que estava no ar pela emissora. Desta forma, as relações de institucionalidade podem se manifestar na constituição dos discursos sobre o ator no JN. O fato de Montagner ser um funcionário da Rede Globo é algo que perpassa a constituição das reportagens sobre a morte dele no JN. Na medida em que a emissora apresenta o falecimento de um ator pertencente ao seu elenco, relações de poder são convocadas para o delineamento das narrativas sobre o assunto e para que a imagem institucional seja preservada.

Além disso, a morte do ator mexe envolve a telenovela, um produto importante da cultura brasileira e presente no imaginário do público brasileiro. Concordamos com Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2009) quando aponta que falar em cultura no Brasil é se remeter à telenovela brasileira. “Quarenta e seis anos após a sua introdução, é possível afirmar que a telenovela conquistou reconhecimento público como produto estético e cultural, convertendo-se em figura central da cultura e da identidade do País” (Lopes, 2009, p. 22).

No âmbito da importância da telenovela no cenário brasileiro é pertinente acionar *Velho Chico*. De acordo com reportagem do GShow<sup>3</sup>, *Velho Chico* foi uma novela com inspiração no rio São Francisco e baseada em uma história de amor proibido. O site assinala que o conflito principal da trama foi embasado em disputas por terra, água e negócios por parte do coronel Afrânio de Sá Ribeiro e do capitão Ernesto Rosa. A rivalidade trabalhada na novela aponta para uma crítica ao coronelismo no Brasil, com foco para a região Nordeste. O personagem Santo, interpretado por Montagner, fazia parte da trama central da novela, que estava ligada à rivalidade do coronel Afrânio e do capitão Ernesto Rosa.

Domingos Montagner foi um ator bastante conhecido na dramaturgia brasileira, tendo atuações em cenários diversos. Segundo reportagem de Valmir Santos, para a Folha de São Paulo<sup>4</sup>, o processo de formação do ator passou pelo picadeiro e palcos. O jornal acrescenta que no final dos anos de 1980, o ator estudou interpretação com Myriam Muniz, participou do grupo Pia Fraus e entrou no mundo da dança com

---

<sup>3</sup> Matéria disponível em: <http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/01/velho-chico-proxima-novela-das-9-da-globo-inicia-gravacoes-no-nordeste-com-rodrigo-santoro-.html>

<sup>4</sup> Matéria disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/09/1813759-arte-do-palhaco-forjou-a-formacao-do-ator-domingos-montagner.shtml>

coreógrafos como Ruth Rachou e Denilto Gomes. Como Montagner era um profissional inserido em múltiplas facetas da arte e estava no ar como protagonista da novela das oito da Rede Globo, a cobertura de sua morte envolveu variados aspectos acerca da arte e das telenovelas.

Na cobertura da morte de Montagner, diversos discursos são abordados e elementos de distintas temporalidades do JN foram ativados na construção das reportagens; formas hegemônicas que circulam no âmbito da constituição televisiva foram acionadas, outros elementos do passado, que não são mais hegemônicos, foram ativados e elementos novos se apresentaram. Desde olhares relacionados ao meio artístico até discussões sobre oceanografia são trazidos para a repercussão teijornalística da tragédia. E, também, ocorreram silenciamentos no período observado da cobertura. É ponto cabível de destaque o fato de que a morte do ator ocorreu em pleno período dos Jogos Paralímpicos de Verão de 2016. Ainda que a morte tenha ocorrido em data coincidente com um grande evento esportivo, a notícia ganhou amplo destaque no Jornal Nacional e em outros teijornais da Rede Globo. Ficou evidente a importância que a emissora conferiu ao falecimento de um ator que fazia parte do seu elenco. Neste ponto, cabe destacar que a constituição do JN, como subgênero teijornal, foi imbricada por relações de poder e de institucionalidade que se sobressaíram em relação a outros temas importantes da pauta social. Como disse Foucault (1988), não há poder que se dê sem a existência de miras e de objetivos. Nesse sentido, é importante lembrar que se trata da cobertura do falecimento de uma pessoa famosa, ligada à Rede Globo, e que morreu de maneira trágica, um afogamento, durante um momento de recreação.

Na análise apresentada na sequência, observamos que a cobertura faz remissão a elementos de diferentes temporalidades do JN, apresentando recursos hegemônicos e recursos não mais hegemônicos, mas já usados em outros momentos, não só em mortes de famosos ou em mortes trágicas. As reportagens também convocam novos delineamentos, que são pertinentes no momento tecnológico em que o teijornal está, e estabelecem relações com fatores culturais, históricos e econômicos no contexto do Jornal Nacional.

### **15 de setembro de 2016 – dia da morte de Domingos Montagner**

A fim de perceber as temporalidades da cobertura e os elementos hegemônicos, residuais e emergentes das abordagens do teijornal, vamos olhar com atenção os discursos e falas dos apresentadores da edição do JN do dia 15 de setembro de 2016,

dia do afogamento do artista, elencar os recursos gráficos e tecnológicos utilizados e trazer à memória outros casos que contribuem para a visualização das temporalidades.

A apresentadora Renata Vasconcellos introduziu a notícia falando da pessoa Domingos e também do personagem, destacando o rio como o elemento comum, que une a realidade e a ficção. Destaca ainda o ator falecido como uma pessoa bem quista pelo público:

*“Um mergulho nas águas do São Francisco, num momento de lazer, tirou de cena tragicamente um dos atores brasileiros mais queridos do público, dos colegas e da crítica. [Domingos Montagner](#) perdeu a vida no mesmo rio em que o personagem que interpretava renasceu, na novela *Velho Chico*”.*

Nas palavras de Vasconcellos, a adjetivação, usada para conferir atributos ao ator como sendo alguém querido, contrapõe-se às práticas mais convencionais do telejornalismo de referência, que são voltadas a textos mais curtos e concisos, evitando adjetivações; e remete a um olhar mais humanizado sobre a morte de um ator conhecido. Já na cabeça feita pela apresentadora é possível evidenciar ressignificações na constituição do subgênero telejornal, ou seja, alterações em sua constituição, no decorrer do seu processo histórico. Como diz Mittell (2001), questões históricas são fatores que podem evidenciar as evoluções do gênero.

A fala da apresentadora também remete a um olhar para o caso com intersecções entre realidade e ficção. O personagem Santo, no decorrer da novela *Velho Chico*, tinha passado por uma situação de desaparecimento nas águas do Rio. Só que o personagem, na novela, sobreviveu; já Domingos, não. Observando coberturas anteriores apresentadas no JN, cabe acionar que a intersecção entre realidade e ficção ocorreu no assassinato da atriz Daniella Perez pelo ator Guilherme de Pádua em 1992. Por causa disso, essa semelhança convocada pode ser considerada um elemento residual na cobertura da morte de Domingos Montagner. No caso de Perez, a possibilidade de o assassino ter levado a saga do personagem Bira para a vida real foi levantada. E houve tensionamentos nas possibilidades de confusão entre realidade e ficção por parte do assassino. Nos dois casos, estamos falando da morte de atores globais que estavam no ar em novelas no horário nobre; assim, a trama envolvendo os personagens foi explorada em relação ao contexto de morte. Há uma intersecção entre Domingos e Santo e entre Guilherme e Bira.

A forma como se deu a trágica morte de Domingos é narrada por Renata em uma nota coberta. Nas falas da apresentadora, que se deram com uma entonação bastante

calma, o desenrolar do afogamento é relatado com minúcias. O texto verbal cobriu imagens do rio, intercaladas com fotos e com recursos gráficos explicativos.

*Ela [Camila Pitanga] contou para a polícia que por duas vezes tentou segurar a mão de Domingos, mas a força da correnteza o arrastou de volta para água. Neste momento, Camila disse que gritava por socorro e que Domingos já dava sinais de cansaço e desespero.*

*O motorista da equipe que acompanhou os dois até a margem do rio foi para a estrada pedir ajuda. Camila contou que Domingos começou a afundar. Ele ainda conseguiu voltar para a superfície mais duas vezes e depois desapareceu.*

A narrativa minuciosa dos detalhes de um afogamento, mostrando o possível sofrimento da pessoa que se afogou e da pessoa que acompanhava, vai mais ao encontro de elementos de uma matriz dramática e de lógicas do jornalismo policial do que ao olhar jornalístico de referência sobre um fato. Estamos diante de disputas de elementos de uma matriz dramática com elementos de uma matriz jornalística na constituição da narrativa sobre a morte do ator no subgênero telejornal. A narração de detalhes sobre a forma como o ator sumiu e sobre o desespero da pessoa que estava com ele remete mais a cenas de uma novela do que ao desenrolar de um jornal televisivo. É um fator de apelo para o olhar do público ao telejornal, uma ação mais focada na atração de audiência do que nas lógicas do jornalismo de informar.

Em relação à tecnologia, o uso dos recursos gráficos é um elemento constantemente convocado em reportagens do JN na atualidade. Eles dão viabilidade para a complementação do conteúdo que está sendo abordado. Em casos de morte mais contemporâneos, as coberturas telejornalísticas tiveram a presença da tecnologia de forma intensa, como foi o caso de Eloá Pimentel e de Eduardo Campos. Nestes dois casos, recursos gráficos deram bases para ajudar na elucidação dos acontecimentos. Já em casos mais antigos, como o incêndio do Edifício Joelma, o uso das tecnologias foi mais limitado.

No caso da morte de Montagner, o telão presente no estúdio do Jornal Nacional foi utilizado para comunicação direta dos apresentadores com os repórteres que estavam no local do afogamento. Cabe apontar que este contato direto, que provoca o efeito de que o apresentador tem proximidade com o local do fato narrado, só é possível pelo momento histórico e tecnológico do telejornal.

No ano de 2015, deu-se uma mudança no cenário do JN e os apresentadores começaram a se deslocar pelo estúdio e a conversar com repórteres através do telão. Com esta mudança, o contato com jornalistas no local de um acontecimento ficou mais simples e passou a ser incorporado ao cotidiano do telejornal. Além disso, o recurso traz

agilidade e dinamismo ao estúdio, permitindo uma conversa mais fluida entre apresentador e repórter.

**Figura 1** – Bonner conversa com repórter em Aracaju através do telão



Fonte: (Reprodução/Jornal Nacional).

Ainda nesta edição de 15 de setembro, o JN convocou para o espaço do telejornal uma espécie de obituário televisivo. O apresentador William Bonner destacou o percurso circense do ator: *“Domingos Montagner tinha 54 anos. Começou a carreira no circo, antes de se destacar em novelas e minisséries”*. As relações de Domingos com o circo são enfatizadas em um depoimento da autora da novela *Cordel Encantado*, Duca Rachid, ao Memória Globo, que é resgatado em reportagem de Alberto Gaspar: *“Era um cara que sempre teve um trabalho muito bacana, já com o Circo Zanni e com a La Mínima, a companhia de teatro dele [...]”*. O depoimento da autora assinala que o percurso artístico do ator transitava entre mais que um ramo da atuação. Tais depoimentos ancoram a perspectiva da JN de destacar as qualidades profissionais do ator. O enaltecimento de características positivas de falecidos não é algo novo no Jornal Nacional, o que evidencia o caráter residual dessa abordagem, ou seja, algo do passado que permanece. No caso de Daniella Perez, ela foi mostrada como uma atriz em ascensão e como a possível nova namoradina do Brasil. Michael Jackson foi tratado como um grande ídolo musical. Tancredo Neves como um político virtuoso. E fora do âmbito da morte de pessoas conhecidas do público, cabe trazer à memória Eloá Pimentel, adolescente morta pelo ex-namorado em 2008, que foi mostrada pelo JN como uma adolescente que deixou saudade no seu círculo social.

Ainda na linha de demonstração das múltiplas habilidades do ator na atuação, a reportagem de Alberto Gaspar resgata a atuação de Montagner no cinema: *“Ele foi para*

as telas do cinema em 2012, com participação especial no filme 'Gonzaga, de pai pra filho'. No ano seguinte, brilhou na novela 'Joia rara'. O destaque à versatilidade de um ídolo falecido é recorrente nas coberturas de morte no JN, como foi o caso da repercussão do falecimento de Freddie Mercury, quando foi abordado o fato do músico transitar do rock à opera. Por ser este aspecto algo que aparece em outras coberturas de morte do JN, podemos apontá-lo como residual, conforme as categorias de Williams.

Uma morte trágica causar perplexidade entre as pessoas é algo comum. E neste caso a comoção é intensa porque o falecimento do ator ocorreu em plena atuação, logo após a gravação de cenas para uma novela das oito. Contudo, o fato de um telejornal explorar exageradamente a comoção da morte já é um assunto que requer reflexões. No contexto hegemônico de que o telejornalismo de referência tem como foco informar e contribuir com a divulgação de fatos de interesse público, é questionável que um programa telejornalístico como o JN enfatize tanto a exposição de sentimentos e emoções. O JN, na cobertura da morte de Domingos, em reportagem de Lilia Telles, mostrou disputas entre lógicas de uma matriz jornalística e uma matriz dramática, permeada de apelos emocionais. A apresentadora Renata Vasconcellos, com face de consternação, introduz a reportagem: *"Entre os colegas de Domingos, nos Estúdios Globo, no Rio, a notícia provocou perplexidade"*. E a repórter Lilia Telles destacou no início da matéria: *"Esta é a última cena gravada por [Domingos Montagner](#) na novela 'Velho Chico'. E estas imagens onde aparecem os atores, foram feitas logo depois da gravação"*.

**Figura 2** – Imagem feita depois de gravação de Velho Chico e levada ao ar no JN



Fonte: (Reprodução/Jornal Nacional).

A fala de Telles é coberta por imagens do final da gravação de cena da novela. Também é veiculado na reportagem um áudio, gravado por Domingos Montagner: *“Nossa derradeira viagem de gravações aqui de Velho Chico, encerrando esse épico maravilhoso, cheio de amor e de emoção, de carinho, de amizade. É uma família”*. O áudio do ator morto remete a uma finalização de etapa, o que evoca um entrecruzamento dos sentidos da ficção – a conclusão das gravações da novela no Velho Chico - e a realidade – o fim da vida do ator neste mesmo rio.

Diversos depoimentos de pessoas conhecidas, com tom de tristeza e de consternação, são convocados para reportagem de Telles. Os depoimentos, além de demarcarem as emoções geradas pela morte, demonstram a lógica de enunciação do JN em enfatizar a boa imagem e as qualidades de alguém que fazia parte da Rede Globo. A institucionalidade se evidencia mais uma vez na seara discursiva sobre o falecimento de Montagner.

No final da edição de 15 de setembro de 2016, o apresentador William Bonner anuncia que o telejornal vai fazer uma homenagem ao ator morto. Diversas cenas do ator em atuação são mostradas. Imagens da ficção são trazidas para o telejornal, cobertas por uma música instrumental. A realidade e a ficção disputam espaço para enunciar sobre a morte de Montagner. Um áudio do próprio ator e dos colegas entoam: *“Um beijo enorme! Viva o Brasil”*. E imagens de Montagner com os colegas de gravação de Velho Chico são apresentadas mais no final da homenagem. Quando os atores se remetem ao Brasil, chamam o povo brasileiro. E a seleção deste áudio remete à postura do telejornal de clamar pela identificação do público. Essa prática do JN de conclamar o Brasil e envolver os espectadores em uma “comoção nacional” já ocorreu em outras grandes coberturas, em outros momentos do telejornal, como na ocasião da morte de Ayrton Senna. Em razão disso, demarcamos essa característica como residual.

## **16 de setembro de 2016 – dia seguinte à morte de Domingos Montagner**

Na edição do JN de 16 de setembro de 2016, dia seguinte ao afogamento do ator, William Bonner, na cabeça de matéria sobre a morte de Montagner destaca:

*“O sentimento de luto que tomou o Brasil desde ontem, com a morte de [Domingos Montagner](#), foi acompanhado de um inconformismo com as circunstâncias dessa tragédia. Pra muitas pessoas, inclusive na própria região do acidente, é difícil aceitar que um mergulho, num momento de recreação, pudesse terminar como terminou”*.

A cabeça feita pelo apresentador, acionando sentidos de tristeza e inconformismo com a morte, introduz uma reportagem de Carla Suzzane, que foca, principalmente, na

explicação das causas do afogamento. É importante ressaltar que o apresentador fez várias gesticulações com a mão durante a sua fala e que proferiu a cabeça da matéria de forma enfática. Enquanto isso, Renata Vasconcellos permanecia com um olhar de muita seriedade. Os dois vestiam preto e a imagem de Domingos Montagner era mostrada ao fundo do cenário. O preto remetia ao luto, simbolizando que um dos grandes telejornais do país e a Rede Globo estavam de luto pela perda de um dos membros do quadro de pessoal da emissora. A imagem de Montagner entre os dois apresentadores foi possibilitada pelo momento tecnológico do telejornal e reforça a ideia de que a morte dele foi guardada na memória telejornalística do brasileiro. Desta forma, apesar da morte física, Domingos ganhou espaço na memória do público.

**Figura 3** – William Bonner e Renta Vasconcellos apresentando o JN no dia seguinte à morte de Domingos Montagner



Fonte: (Reprodução/Jornal Nacional).

Na reportagem de Carla Suzzane, fontes especializadas são entrevistadas para falar sobre o acidente e a matéria apresentou recursos gráficos para dar bases ao que está sendo enunciado. Como já abordamos em exemplos de coberturas de morte no JN dados anteriormente, a tentativa de explicação de um fato por fontes especializadas é uma ação que é recorrente no telejornal, o que pode ser considerado como prática hegemônica. E tal ação vai ao encontro dos princípios do jornalismo referencial, que busca esclarecer e explicar o fato ao espectador. Mas os princípios do jornalismo apontam para a necessidade da manifestação de diferentes versões, o que nem sempre ocorre. No caso da morte de Montagner, Carla Suzzane, em off, narrou que o local da morte é um ponto onde acontecem muitos redemoinhos e que não há placa de informação aos banhistas. As informações dadas pela repórter imputam um sentido de

falta das autoridades responsáveis pela inexistência de placas. Ela ainda informa: “A formação dos redemoinhos tem explicação. Além da correnteza, especialistas contam que a existência de muitas pedras aumenta a força das águas”. A partir do off da repórter, foram trazidos para o texto telejornalístico as falas de especialistas:

*GABRIEL LE CAMPION, BIÓLOGO E OCEANÓGRAFO: “Uma pedra relativamente extensa ela vai funcionar bloqueando uma parte da corrente ou desviando parte da corrente e isso vai produzir refluxos. E esses refluxos vão girar mais rápido e uma pessoa que cai num refluxo desses ela pode ser arrastada ou até mesmo sugada”.*

*ANTÔNIO JACKSON LIMA, DO COMITÊ DA BACIA DO SÃO FRANCISCO: “Você ainda tem a corrente formada pela água da barragem que forma uma corrente por baixo do rio. Você tem muitas pedras, cavernas, que ali é um trabalho de milhões de anos. A água ali trabalhando as pedras”.*

*GABRIEL LE CAMPION, BIÓLOGO E OCEANÓGRAFO: “Se você tem um local onde a água é drenada com mais força, isso vai provocar uma retração e quem tiver flutuando ali, boiando ou nadando nesse local pode ser puxado”.*

*ANTÔNIO JACKSON LIMA, DO COMITÊ DA BACIA DO SÃO FRANCISCO: “Lá, as condições do rio são extremamente perigosas. O que você pudesse juntar de perigo no São Francisco, nos 2,7 mil quilômetros de rio, ali está concentrado todo tipo de perigo”.*

O telejornal trouxe duas fontes especializadas, mas ambas enunciando sob uma mesma perspectiva, o que demonstra a presença de poder da emissora na construção textual e de apresentação de uma versão do fato. Os depoimentos dos especialistas permitem uma leitura de que o afogamento foi fruto do ator ter nadado em uma zona perigosa e sem segurança. Não são feitos tensionamentos apurados sobre a situação de afogamento. Não há uma problematização mais apurada.

Nesta edição do JN, uma reportagem fala sobre o local onde Montagner cresceu, mostrando depoimentos de pessoas que o conheciam. Além dos talentos artísticos e circenses, o passado dele como praticante de esportes é evidenciado. No contexto do Domingos esportista, o depoimento de uma ex-aluna da escola em que o ator estudou, destaca as qualidades dele: “Ele era uma pessoa que inspirou acho que muita gente aqui a gostar de esporte, a gostar da brincadeira. O Domingos sempre fez tudo com muito amor”.

A veiculação desses testemunhos e depoimentos acentua a construção discursiva de que Domingos era uma pessoa boa, bem quista, querida. Tal construção evidencia a lógica institucional no JN, voltada à elevação das virtudes de um membro da Globo que

atuava em uma novela que estava no ar, em horário nobre da emissora. Qualquer mancha em seu currículo ou conduta poderia ser associada à imagem da novela.

Na linha de construção da imagem de Domingos como uma pessoa querida, André Luiz Azevedo fez uma matéria sobre a tristeza e incredulidade dos colegas de profissão diante da morte do ator. A matéria começa com a câmera focada em uma televisão mostrando o rosto do ator falecido sorrindo, produzindo sentidos de que o morto era uma pessoa cheia de alegrias e sorridente, uma pessoa que deixa um vazio entre os que conviviam com ele. Na passagem do repórter, que é mostrada na sequência da apresentação do rosto do ator sorrindo, as qualidades artísticas são assinaladas:

*“Domingos Montagner começou na televisão quando já era um veterano da arte de interpretar. Por isso, pode-se dizer que teve uma carreira curta no novo veículo: oito anos. Mas nesse curto período conquistou não só papéis importantes, como o coração do público e o carinho, a admiração, o respeito e a amizade dos colegas”.*

O texto de Azevedo traz adjetivação e uma construção voltada a enaltecer o falecido, lógica que entra em disputa com o olhar do telejornalismo de referência, que prioriza a construção de frases curtas, objetivas e evitando adjetivações. A narrativa de reportagem e o tom de construção de uma imagem positiva de Domingos contam com a convocação de depoimentos de colegas de profissão demonstrando emoções. Débora Bloch, que havia contracenado com Domingos na novela global Sete Vidas, demonstrando estar emocionada, reiterou os traços de bondade do ator: *“O Domingos era um cara muito doce, muito legal, era um companheiro de trabalho impressionante, generoso e muito bom de trabalhar. Eu estou meio... Não estou conseguindo me conformar muito com essa notícia, está bem difícil”.* A reportagem mostra também o depoimento do ator Thiago Lacerda, companheiro de Domingos na novela Jóia Rara, que fala que Domingos era um companheiro inesquecível, e enfatiza as relações do ator com o circo e com a alegria: *“[...] eu ganhei um irmão palhaço, a vida me deu um irmão palhaço e ele foi embora”.*

Os companheiros de Domingos na novela Velho Chico também tiveram espaço de enunciação. Marcelo Serrado apontou que Domingos era uma pessoa que mostrava alegria e que tinha planos. E Antônio Fagundes destaca que ele era fácil de gostar, que era querido e honesto. Os depoimentos andam na mesma linha de pensamento, não há evidentes disputas de versões. Durante a reportagem, cenas de novela que tiveram a participação de Domingos junto com os atores que deram depoimentos foram mostradas, evidenciando realidade e ficção encadeadas na construção da reportagem.

Uma fala do autor de Velho Chico, Benedito Ruy Barbosa, também mostrada na reportagem de Azevedo, desenvolve o contraponto entre realidade e ficção. “[...] *A vida real foi pior que a fantasia que nós criamos, ela nos magoou e tirou da gente um dos maiores atores que a novela tinha*”. A fala de Benedito associa a saga de Domingos a do personagem Santo. Os dois se perderam no rio São Francisco. Santo sobreviveu, o ator não.

A cabeça feita por Bonner, na reportagem sobre a comoção gerada pela morte, assinala: *“Camila está abalada. Outros tantos colegas deles também. E a impressão que se tem, hoje, é que estamos todos, no país, ainda muito abalados. Quem estuda e interpreta os mistérios da mente humana diz que isso é absolutamente compreensível e natural”*. O texto remete à complexidade da mente humana e faz uma introdução à convocação de fontes da área da psiquiatria. Na reportagem de José Roberto Burnier, o discurso psiquiátrico foi buscado para dar bases à comoção humana diante do fim da vida:

*“A gente entende a vida como um encadeamento de um ciclo de etapas de vida. Infância, juventude, adulto e velhice. Esses momentos trágicos nos trazem à tona a questão da nossa vulnerabilidade, da nossa fragilidade a eventos externos, a situações que fogem da nossa governabilidade”,* diz o diretor de ambulatórios do Instituto de Psiquiatria do HC/SP, Rodrigo Fonseca Martins Leite.

Nesta convocação de olhares da área médica ao discurso jornalístico, outro psiquiatra é entrevistado e relata a questão da possibilidade de sofrimento do público por identificação com o personagem Santo:

*“Tem a ver com a identificação com o personagem. Ele era uma pessoa pública e fazia papéis do qual a população se identificava. Pelo menos no último papel, é um papel muito importante na formação da família, na relação pai e filho, aquele que preserva uma família. Então é um papel de construção dos vínculos familiares”,* relata a psiquiatra Tânia Alves.

Esse discurso que dá voz aos psiquiatras remete a práticas hegemônicas do telejornalismo de chamar fontes especializadas para comentar e explicar sobre um assunto em questão.

O enterro de Domingos Montagner foi abordado na edição do JN de 17 de setembro, um sábado. Neste dia, o telejornal foi apresentado por Chico Pinheiro e Giuliana Morrone. O telejornal deu enfoque às emoções geradas pelo fim da vida e fez uma ampla cobertura do evento fúnebre. A cobertura do enterro representou um fechamento de uma espécie de novela que vinha sendo contada acerca da morte do ator. Desse modo, os sentidos se direcionaram mais às semelhanças entre ficção e realidade do que à apresentação de um fato de interesse do público, com cunho jornalístico. Neste momento, cabe enfatizar que o subgênero telejornal tem caráter transitório e se altera em momentos distintos.

Na cobertura, os princípios do telejornalismo de referência entram em disputas com uma perspectiva de demonstração de emoções e de espaço para o choro da morte. Giuliana, na cabeça da reportagem sobre o enterro, dá ênfase à comoção no evento fúnebre: *“Numa cerimônia rápida, mas cheia de emoção, foi sepultado hoje, em São Paulo, o corpo do ator Domingos Montagner. Desde bem cedo, no velório, o sábado foi de homenagens de parentes, amigos e fãs”*. As palavras da apresentadora evidenciam que o estilo da reportagem será constituído pela demonstração de sentimentos diante do fim da vida. O telejornal, assim, representa um espaço para o choro da morte, conforme discutido por Negrini (2010). Também é possível resgatar o olhar de que a morte é um assunto tão dotado de complexidades que, mesmo que os rituais praticados na atualidade não sejam tão dramáticos como os realizados na Idade Média, de acordo com Ariès (2003), eles ainda têm ampla vigência entre as pessoas.

Quando apontamos que a cabeça feita por Giuliana Morrone, em relação à reportagem do enterro de Montagner, remete à exaltação nas emoções das pessoas no enterro, evidenciamos que há uma disputa entre as perspectivas do telejornalismo de referência, que tem o informar como função primordial, com uma concepção de telejornalismo voltada a emocionar o público. O foco hegemônico do telejornalismo de referência deveria ser a apresentação de informações de relevância social e com contribuições esclarecedoras para o público. Já a apresentação de um fato com ênfase nas emoções geradas por ele vai além dos princípios jornalísticos.

O repórter Alberto Gaspar começa a reportagem com um off enunciando na mesma linha da introdução de Giuliana: *“Teatro Fernando Torres, no Tatuapé, bairro de origem de Domingos Montagner. O saguão de entrada foi o cenário dos abraços demorados. Da emoção inconformada de quem compartilhou cada fase da vida do ator”*. As palavras escolhidas pelo repórter, associadas às imagens, demarcam esse direcionamento emocional do conteúdo da reportagem.

No telejornalismo, as imagens acompanham o texto verbal. Na medida em que o repórter destacava as emoções dos presentes, uma sequência de imagens com pessoas se abraçando e demonstrando sentimentos foi acionada, enfatizando a construção de um cenário de tristeza e de consternação no contexto da morte.

**Figura 4** – O público se emociona no enterro do ator



Fonte: (Reprodução/Jornal Nacional).

As palavras do repórter, no primeiro off da matéria, já são dotadas de adjetivações, evidenciando que o olhar referencial acerca do telejornalismo, que, na maioria das vezes, presa por um texto simples e direto, vai entrar em disputa com um jornalismo televisivo guiado pelo lado emocional de um fato. A reportagem também foi perpassada pelo uso de imagens de atuações de Domingos Montagner no âmbito da dramaturgia. Os elementos da dramaturgia estão inseridos no contexto jornalístico.

Uma sonora da atriz Ingrid Guimarães remete à caracterização de Domingos como alguém gentil, amoroso e simples, corroborando com a concepção que o JN está abordando em toda a cobertura, de que Domingos era uma pessoa boa e dotada de qualidades:

*“Homem de circo, de teatro, mas que passeou pelo cinema e pela televisão como se fosse a casa dele, né? Todas as tribos falam a mesma coisa do Domingos: gentil, amoroso, simples, humano, e o Brasil inteiro está chorando a morte dele”.*

Quando a atriz evidencia que o falecido tinha habilidades em relação ao circo e ao teatro, além da televisão e do cinema, fica visível a intenção do JN de mostrar o falecido como um ótimo profissional, além de boa pessoa. Assim, o depoimento da atriz reitera

aspectos ligados ao poder de escolha de tal visão e não de outra que poderia gerar tensionamentos à imagem do ator morto.

O repórter também dá destaque à sensibilização do público que estava do lado de fora do velório: *“E houve mesmo muita emoção também fora do teatro”*. Demonstrando que a tristeza era do público em geral, não só das pessoas mais próximas. A captação da fala de uma fã aciona a imbricação entre a realidade e a ficção tratando-se da pessoa do Montagner: *“Eu não consigo nem acreditar até agora que ele foi embora porque a gente conhece ele de dentro de casa”*. A fala da fã evidencia o respaldo da Globo e dos seus atores entre o público e demonstra a importância da telenovela para o público brasileiro, que chega a considerar os personagens como inseridos no seu cotidiano.

**Figura 5** – Imagens do cortejo do corpo de Montagner



Fonte: (Reprodução/Jornal Nacional).

Em relação ao enterro, imagens com conglomerado de pessoas participando das últimas homenagens são enfocadas e captadas de cima. O uso de imagens de multidões prestigiando enterros noticiados no JN já foi verificado em outros momentos do telejornal; por isso podemos afirmar que se trata de um elemento residual. Na cobertura de Eloá Pimentel e de Tancredo Neves, a demarcação da multidão fez parte das narrativas. No caso de Daniella Perez, mesmo que a cobertura ao funeral tenha sido mais breve, a grande quantidade de pessoas acompanhando foi destacada nas imagens.

Na cobertura jornalística do enterro, imagens focando nas tristezas dos amigos e parentes compõem a narrativa da morte. As imagens de destaque às emoções foram amparadas por texto verbal e por sons, como de palmas e do próprio helicóptero em que a equipe de reportagem estava.

**Figura 6** – Imagens de consternação do irmão do ator no enterro



Fonte: (Reprodução/Jornal Nacional).

Em relação à constituição do subgênero telejornal, vale reiterar que mesmo se tratando de um ator com grande retrospecto no cenário nacional, a apresentação de uma reportagem de mais de seis minutos (entre velório e enterro) não é comum nas práticas cotidianas e demonstra a importância da temática da morte e a significação do ator para a instituição Rede Globo. E em relação à demonstração das emoções, sabemos que estamos tratando de um ator com visibilidade e notabilidade, o que já dá aval à mídia para a cobertura de seu funeral, mas o excesso de apelo emocional foge ao que se espera do telejornal de referência e entra em disputa com as lógicas hegemônicas do telejornal.

No dia do enterro de Domingos, uma reportagem fugiu ao foco que a cobertura do dia estava tomando, de abordar a comoção no funeral. O JN veiculou uma matéria sobre a falta de sinalização na região da morte de Montagner. As palavras do apresentador do dia, Chico Pinheiro, destacam a insegurança na área: *“A área em que Domingos Montagner se afogou tinha passado por uma reforma. Desde então, está sem placas de sinalização e sem boias limitando o trecho seguro para os banhistas. Também não há salva-vidas no local”*. A matéria introduzida por Chico é de interesse público, tendo em vista que denuncia um problema de falta de segurança na área do acidente. As palavras da repórter reforçam os riscos ocasionados pela falta de sinalização e de salva-vidas: *“Nas imagens gravadas ontem pela equipe do JN, não há nada no rio que indique ao banhista sobre o risco de nadar mais distante das margens. Também não há nas margens placas de sinalização e salva-vidas”*. O assunto é de interesse da população, o que justifica a ocupação do espaço no Jornal Nacional, no contexto da cobertura da

morte de Domingos. Contudo, a perspectiva de enunciação não mostra pluralidade de vozes. A versão da prefeitura sobre o caso só é enunciada nas palavras da repórter e no pé da reportagem feito por Chico Pinheiro. E as palavras das fontes que são ouvidas corroboram com o discurso do perigo na região, como é o caso da entrevista com uma comerciante: *“Se tivesse uma assistência aqui, alguém para socorrer ele poderia hoje estar vivo”*. A partir da fala da fonte, cabe inserir que a reportagem do JN ajudou a criar uma espécie de culpabilização pela morte do ator. Tal postura não é que o se espera de um telejornal de referência. O olhar hegemônico do telejornalismo remete às práticas voltadas a dar voz aos mais diversos pontos envolvidos em um assunto, o que não aconteceu na reportagem.

### Considerações finais

A constituição de um telejornal é dotada de diversos elementos, os quais são trabalhados e organizados a partir de diferentes perspectivas culturais, tecnológicas e sociais. Gomes (2007) aponta reconhecer, juntamente com Raymond Williams, a existência de afinidades entre formas culturais, sociedade e momento histórico.

A tessitura textual do Jornal Nacional e as formas de disponibilização de informações são conformadas com amplo respaldo do momento em que estão inseridas e nas lógicas de enunciação da Rede Globo.

Nas edições do JN observadas, houve uma linha de condução das narrativas focadas em acentuar a imagem de Domingos como bom homem e ator qualificado, destacando a falta que o ator falecido iria fazer tanto no mundo da arte como entre as pessoas que conviviam com ele. A cobertura não trouxe tensionamentos sobre a vida pessoal do ator. Como abordamos, ele era um membro do elenco de uma novela do horário nobre da Rede Globo. Desta forma, qualquer tensionamento, caso houvesse, poderia prejudicar a imagem da novela. A lógica institucional foi acionada na construção da imagem de Domingos durante a cobertura e na convocação das fontes que tiveram voz.

O objetivo deste estudo, de caráter exploratório e observacional, foi refletir sobre as diferentes temporalidades da cobertura do JN da morte de Domingos Montagner. Para isso, observamos o texto das cabeças e reportagens do telejornal, nos dias 15, 16 e 17 de setembro, descrevendo, analisando e apontando tópicos que mostraram diferentes temporalidades coexistindo na cobertura. A demarcação dessas temporalidades se deu por meio da identificação de elementos hegemônicos, residuais ou emergentes – noções de Williams (1979) – do telejornalismo como categoria cultural (Mittel, 2001).

Alguns pontos destacaram-se na nossa observação. Os entrecruzamentos entre realidade e ficção, a menção ao personagem Santo e ao ator Domingos Montagner, são elementos de ordem residual, pois já apareceram em outras coberturas de morte do JN ao longo de sua história. Novela e vida real sendo trazidas à tona em razão do ator ter morrido durante as gravações da novela.

As fontes especializadas abordadas nas reportagens representam as práticas hegemônicas do telejornalismo. Especialistas sempre são ouvidos para contribuir com as explicações de causas dos acidentes e informações preventivas. No caso da morte de Domingos, essas fontes fizeram alertas sobre os perigos do local, a falta de sinalização e alertas e a implicação do poder público. Ao mesmo tempo em que se observavam traços ligados a uma fatalidade, sentidos conectados à negligência das autoridades competentes foram acionados na cobertura.

Na ordem do emergente, ressaltamos as questões tecnológicas, o uso de recursos gráficos para explicar o acidente e mostrar a região onde tudo aconteceu. Além disso, a comunicação entre apresentador e repórter através de um telão no estúdio do JN e a imagem da vítima em uma tela atrás da bancada dos apresentadores posicionam o telejornal em um momento histórico e tecnológico em que tais recursos são possíveis e constituintes da narrativa da cobertura.

A ênfase nas emoções, na construção positiva imagética da vítima, na comoção nacional, da classe artística e do público, em razão de Domingos estar interpretando um personagem que estava no ar na novela das oito, são aspectos que certamente se destacaram na cobertura do JN. Foram três edições do JN que noticiaram, explicaram e homenagearam o ator Domingos Montagner. Três edições que revelaram transformações culturais, históricas e sociais do subgênero telejornal em uma cobertura telejornalística envolvendo a morte.

## Referências

- Ariès, P. (2003). História da morte no ocidente. *Ediouro*.
- Emerim, C., & Brasil, A. (2011). Coberturas em telejornalismo. In *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife. Anais*. Intercom.
- Foucault, M. (1988). História da sexualidade I: Vontade de saber. *Editora Graal*.
- G1. (2016, 19 de setembro). Domingos Montagner, de 'Velho Chico', morre aos 54 anos. <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2016/09/domingos-montagner-morre-aos-54-anos.html>
- Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. *Atlas*.
- Gomes, I. (2007). Questões de método na análise do telejornalismo: Premissas, conceitos, operadores de análise. *Revista E-Compós*, 18(1), 111-130.
- Gomes, I. (2011b). Estabilidade em fluxo: Uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. In *XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife. Anais*. Intercom.

- Gomes, I. M. M. (2011a). Gênero televisivo como categoria cultural: Um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. *Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia*, 18(1), 111-130.
- Gomes, I. M. M., & Antunes, E. (2019). Repensar a comunicação com Raymond Williams: Estrutura de sentimento, tecnocultura e paisagens afetivas. *Galáxia (São Paulo. Online)*, (41), 8-21.
- Gomes, I. M. M., & Araujo, V. V. B. (2015). "Ai, que infortúnio!" Disputas de gênero em um produto da indústria pop. In S. P. Sá, R. Carreiro, & R. Ferraz (Orgs.), *Cultura pop* (pp. 1-16). EDUFBA; Compós.
- Gshow. (2016, 19 de setembro). 'Velho Chico': Novela das 9 inicia gravações no Nordeste e marca a volta de Rodrigo Santoro. <http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/01/velho-chico-proxima-novela-das-9-da-globo-inicia-gravacoes-no-nordeste-com-rodriigo-santoro-.html>
- Gutmann, J. F. (2014). Quando ruptura é convenção: O programa Gordo a Go-Go como espaço de experiência do talk show. *Contracampo*, 31(1), 60-78.
- Lopes, M. I. V. (2009). Telenovela como recurso comunicativo. *Matrizes*, 3(1), 11-35.
- Mariano, A. L. S. (2017). Raymond Williams e o materialismo cultural: Contribuições à sociologia da educação. In *38ª Reunião Nacional da ANPEd, São Luís - MA. Democracia em risco: A pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência*. [http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/gt03\\_1213\\_texto.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/gt03_1213_texto.pdf)
- Martín-Barbero, J. (2008). Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. *Ed. UFRJ*.
- Mittell, J. (2001). A cultural approach to television genre theory. *Cinema Journal*, 40(3), 3-24.
- Mota Júnior, E. (2016). As transformações do popular na Rede Globo: Uma análise cultural dos programas de Regina Casé [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia].
- Negrini, M. (2010). A morte em horário nobre: A espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul].
- Negrini, M. (2019). Diversas temporalidades nos discursos televisivos sobre a morte: Aferições sobre a tragédia da Chapecoense no Jornal Nacional. *Contemporanea (UFBA. Online)*, 17, 229-249.
- Santos, T. E. F. (2014). Cultura política brasileira no telejornalismo do horário nobre [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia].
- Santos, V. (2016, 19 de setembro). Arte do palhaço forjou a formação do ator Domingos Montagner. *Folha de S.Paulo*. <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/09/1813759-arte-do-palhaco-forjou-a-formacao-do-ator-domingos-montagner.shtml>
- Silva, F. M. (2010). A conversação como estratégia de construção de programas jornalísticos televisivos [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia].
- Williams, R. (1977). Marxismo e literatura. *Zahar*.

**ABSTRACT:**

This article aims to reflect on the different temporalities that can coexist in the routines of Jornal Nacional from the coverage of a specific case that will be analyzed: the death of actor Domingos Montagner. At the

theoretical-methodological level, we will trigger some perspectives from Cultural Studies, summoning the perspectives of the television genre as a cultural category (Mittell, 2001) and of feeling structure (Williams, 1979) to support the reflections.

The research has an exploratory and observational character (Gil, 2008).

**KEYWORDS:** Telejournalism; National Newspaper; Temporalities; Television genre as a cultural category; Feeling structure.

(Williams, 1979) para sustentar las reflexiones. La investigación tiene un carácter exploratorio y observacional (Gil, 2008).

**PALABRAS CLAVE:** Teleperiodismo; Periódico nacional; Temporalidades; El género televisivo como categoría cultural; Estructura del sentimiento.

**RESUMEN:**

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las diferentes temporalidades que pueden coexistir en las rutinas de Jornal Nacional a partir de la cobertura de un caso específico que será analizado: la muerte del actor Domingos Montagner. A nivel teórico-metodológico, desencadenaremos algunas perspectivas desde los Estudios Culturales, convocando las perspectivas del género televisivo como categoría cultural (Mittell, 2001) y de estructura del sentimiento